



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTILHOS, R. R. Claudia; VOLPI, SANDRA MARA D. Estrutura de caráter e suas corações: enfrentamentos vivenciados por mulheres / gestantes que vivem com HIV/AIDS sob a ótica da Psicologia Corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: ____/____/____.

ESTRUTURA DE CARÁTER E SUAS COURAÇAS: ENFRENTAMENTOS VIVENCIADOS POR MULHERES / GESTANTES QUE VIVEM COM HIV/AIDS SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA CORPORAL

Cláudia R. R. Castilhos
Sandra Mara Volpi

RESUMO

Marcos históricos como a ampliação do diagnóstico e melhorias ao acesso à medicação para o HIV/AIDS colaboraram para mudanças significativas relacionadas ao prognóstico da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana. O parecer da morte iminente caminhou para o manejo clínico de uma doença crônica, assim como é a hipertensão ou o diabetes, no sistema de saúde. Mas mesmo após 40 anos da descoberta dos primeiros casos e com todo o suporte do Sistema Único de Saúde (SUS) no enfrentamento da doença, seja pelas diferentes profilaxias de prevenção, criação de assistências mais humanizadas e qualificadas, as questões subjetivas ligadas ao preconceito e suas diferentes nuances como violência de gênero são fatos que se potencializam com a descoberta do HIV/AIDS. Descobrir-se soropositivo é impactante independentemente da pessoa ser homem ou mulher. No entanto, quando o curso da infecção acomete as mulheres, a “peste emocional”, tão bem relatada por Reich, é espelhada na sociedade patriarcal, que lança atributos depreciativos para essas mulheres congelando e silenciando a sua potência para a vida. Este artigo pretende identificar os enfrentamentos e estigmas sentidos pelas mulheres / gestantes que vivem com HIV/AIDS em uma sociedade neurótica e a ressonância desses desafios nas suas estruturas de caráter e defesas psicossomáticas.

Palavras-chave: Corpo. Coração. Gênero. HIV/AIDS. Mulher.

O CAMINHO DO HIV/AIDS AO LONGO DE MAIS DE TRÊS DÉCADAS

Desde a descoberta do HIV/AIDS na década de 90, milhares de pessoas já foram infectadas pelos cinco continentes. No início, atribuía-se a infecção aos “grupos de risco” e até então o gênero feminino não fazia parte desse escopo, pois nesta época acreditava-se que somente os travestis, homossexuais masculinos, homens que se relacionavam com outros homens e dependentes químicos estavam mais suscetíveis à contaminação.

De acordo com os dados da UNAIDS (2020) cerca de 75,7 milhões de pessoas já foram infectadas pelo HIV e cerca de 32,7 milhões de indivíduos já morreram de doenças relacionadas à infecção desde então. O panorama atual da pandemia do HIV/AIDS indica que a infecção ainda afeta semanalmente cerca de 5.500 jovens entre 15 e 24 anos. Conforme a UNAIDS (2020), o continente africano lidera o número de novos casos principalmente entre



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTILHOS, R. R. Claudia; VOLPI, SANDRA MARA D. Estrutura de caráter e suas corações: enfrentamentos vivenciados por mulheres / gestantes que vivem com HIV/AIDS sob a ótica da Psicologia Corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: ____/____/____.

meninas; por lá, cinco em cada seis novas infecções entre adolescentes de 15 a 19 anos acontecem em mulheres jovens que apresentam 83,3% mais chances de viver com HIV/AIDS do que os homens. Questões biológicas como a mucosa vaginal ser menos espessa e também maior facilita as chances de contaminação. Outro fator é que o sêmen infectado pelo HIV tem maior concentração de vírus do que a secreção vaginal.

A transmissão do HIV/AIDS pode ocorrer de várias formas, sendo a mais comum por relação sexual. No entanto, questões referentes ao prazer sexual são pouco debatidas no seio das políticas públicas para HIV/AIDS, muito por força do paradigma moralista e heteronormativo ainda existente. Souza e Cerqueira (2021) assinalam que a luta contra o HIV/AIDS trouxe abertura para a discussão sobre direitos sexuais e reprodutivos, mas foram esquecidas questões ligadas à sexualidade e as formas de prazer.

Com o anúncio da pandemia do HIV/AIDS na década de 80, toda a liberdade desfrutada nos anos 60 e 70 passou por questionamentos e se fortaleceu novamente a repressão sexual, com paisagens marcadas por diferentes tipos de abuso, punição e preconceito a grupos específicos, como homossexuais, negros e travestis, e posteriormente as mulheres.

Desta maneira, o objetivo deste artigo é apresentar, sob o olhar da Psicologia Corporal, como as mulheres / gestantes que vivem com HIV/AIDS são vítimas e como enfrentam os diferentes matizes de hostilidade e exclusão exercidos por uma sociedade estacionada em suas neuroses. Além disso, pretende demonstrar como tal contexto pode interferir e avivar as defesas no corpo feminino, reforçando sua estrutura de caráter, seu estado energético e suas corações musculares.

QUESTÕES DA DESCOBERTA DO HIV/AIDS PARA O GÊNERO FEMININO

Para Gonçalo, Nascimento e Santos (2016), por questões culturais, a sexualidade feminina e o seu comportamento ficou restrito apenas à sua genitália, a padrões de beleza, ao mundo doméstico, ao casamento, à obediência e ao respeito ao marido. Ainda segundo o autor, durante todas as fases da vida da mulher, seja infância, adolescência e idade adulta, as questões sobre sexo e prazer foram transferidas para espaços de silêncio no cotidiano. Para muitas, o prazer, até pouco tempo, era considerado pecaminoso, reprimido e, por ser condenado, conduzido ao segundo plano. Até então reinava a caricatura da mulher de comportamento passivo, dependente e frágil que acolhia as escolhas do companheiro e por consequência da sociedade patriarcal.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTILHOS, R. R. Claudia; VOLPI, SANDRA MARA D. Estrutura de caráter e suas corações: enfrentamentos vivenciados por mulheres / gestantes que vivem com HIV/AIDS sob a ótica da Psicologia Corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: ____/____/____.

Segundo Reich (1995a) toda repressão sexual é fruto de um patriarcado que fortalece o comportamento do servilismo e da submissão à figura masculina, e por consequência perpetua as neuroses nas relações destituídas de vitalidade e potência orgástica. Para Lowen (1986) o sujeito, para sobreviver, adapta o seu ego como forma de seguir a vida e tentar compensar a castração imposta pela supremacia patriarcal que tatuou essa neurose no DNA humano, reservando a todos nós um destino comparado ao andarilho que está sempre em busca de algo para preencher a sua procura por amor e acolhimento.

Conforme Ceccon, Meneghel e Rueda (2021) a linguagem e a imposição do patriarcado está inserida na falta de diálogo com o parceiro, que muitas vezes se nega ao uso de qualquer forma de prevenção. Isso reforça o emudecer da mulher, que aceita as condições do outro quanto ao uso do preservativo nas relações sexuais, atitude esta que vêm a favorecer o aumento de casos de HIV/AIDS e a desigualdade de gênero nas últimas décadas. Reich (1995a) cita que certos comportamentos autoritários colaboram e intensificam casamentos opressivos, favorecendo uma dependência muitas vezes escravizante acentuada pela vulnerabilidade, por abusos psicológicos, sexuais, físicos, entre outros.

De acordo com Ceccon, Meneghel e Rueda (2021), o moralismo vigente na estrutura patriarcal, capitalista e racista produz práticas cotidianas de dominação e faz com que as mulheres que são contaminadas com HIV/AIDS acreditem que precisam ser punidas pelo seu comportamento sexual inadequado e desviante; exigindo-lhe uma forma de funcionar na vida que esteja de acordo com padrões pré-estabelecidos; demandando dessa mulher uma série de adaptações do seu ego perante as ameaças e conflitos do mundo externo.

Entre tantas formas de punição, podemos citar a da violência sexual; segundo Ceccon, Meneghel e Rueda (2021), em muitos lugares, viver com HIV/AIDS ainda significa uma condição de risco para a vida feminina, onde, mesmo que haja a comprovação da infidelidade por parte do parceiro e com isso a transmissão do vírus, muitas ainda são culpabilizadas pela doença e acusadas de relações extraconjugais. A violência doméstica é um agravo frequente no contexto feminino, e diferentes tipos de ameaça, como intimidações, agressão psicológica, física, sexual, patrimonial, privação de liberdade, pornografia ou incesto rondam a subjetividade e o cotidiano do universo feminino. (CECON, MENEGHEL E RUEDA, 2021)

Para Reich (2003), todo comportamento moralista exacerba a “peste emocional” que reproduz a miséria sexual e social alimentada por impulsos secundários tão bem representados pelo aspecto destrutivo da sede de poder, do moralismo e de uma educação repressora nas esferas familiares e escolares. Quando transferimos o significado da “peste emocional” para



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTILHOS, R. R. Claudia; VOLPI, SANDRA MARA D. Estrutura de caráter e suas corações: enfrentamentos vivenciados por mulheres / gestantes que vivem com HIV/AIDS sob a ótica da Psicologia Corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: ____/____/____.

todo o contexto do HIV/AIDS, caracterizada por ser uma doença de etiologia sexual, e que no cenário atual ainda é saturada de julgamentos, é possível verificar um prejuízo emocional muitas vezes irreparável na vida dessas mulheres, sendo que o flagelo imposto pela pandemia do HIV/AIDS as colocou como párias da sociedade.

Segundo Cartaxo, Nascimento e Diniz (2020), a sexualidade e a corporeidade, é ainda um aspecto da vida bastante comprometido pelo impacto da soropositividade. Para Cartaxo, Nascimento e Diniz (2020), o diagnóstico da infecção pode resultar na perda da libido: em torno de 16% das mulheres soropositivas relatam perda do desejo, redução ou cessação da atividade sexual; ou seja, uma vida com poucos orgasmos ou sem nenhum. É importante comentar que a sexualidade, para Reich (1995a), não está vinculada somente à genitalidade ou ao ato sexual; ela é a construção de um bem estar maior, onde caminhos ligados ao psíquico, ao biológico e ao social confluem para a felicidade, realização e prazer.

Ao analisarmos a obra de Reich (1995b) e alinharmos com o caráter de uma mulher que vive com HIV/AIDS, que é violentada pelo seu diagnóstico e muitas vezes se mantém em relações tirânicas, talvez possamos nos deparar com algumas pinceladas de um masoquismo estruturalmente imposto pela dinâmica social do servo e do patrão, do autoritário e do gregário, de quem é violentado e aceita tal condição. Portanto, sob esse paradigma, independentemente da estrutura de caráter predominante, toda mulher, quando subjugada pela condição da infecção, fica sem ou com poucas possibilidades de recuperação da sua potência orgástica. Neste contexto, cabe a ela aceitar “masoquisticamente” o olhar da sociedade como penitência dos seus “pecados”, enrijecendo e imobilizando a sua pelve, para assim não perpetuar a sua “peste sexual” para a humanidade.

A mulher / gestante com HIV/AIDS, ao se deparar com seus diferentes medos como o da morte, do abandono afetivo, da rejeição, da solidão, a vergonha do próprio corpo, tem grande chance de reviver angústias ligadas aos segmentos pré-genitais (ocular e oral). Segundo Navarro (1991), os diferentes temores perante a vida associados à falta de amparo emocional ampliam lugares de solidão e insatisfação que podem acabar encontrando um falso conforto em diferentes situações como o abuso de álcool, drogas, no âmbito do misticismo, com suas curas milagrosas, ou ainda na permanência em relações abusivas.

Para Navarro (1991), o pudor corporal e sexual motivado por impulsos agressivos acirra a dificuldade da entrega (*self control*) e, com isso, da potência orgástica. A energia no segundo nível (boca), ponto de partida da sexualidade e da “libido” natural, é deslocada para o sexto



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTILHOS, R. R. Claudia; VOLPI, SANDRA MARA D. Estrutura de caráter e suas corações: enfrentamentos vivenciados por mulheres / gestantes que vivem com HIV/AIDS sob a ótica da Psicologia Corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: ____/____/____.

nível (abdome), que reproduz uma espécie “ruminação e masturbação mental”, típico da caracterialidade do tipo compulsivo-anal.

GESTAR COM HIV/AIDS: UM OLHAR DA PSICOLOGIA CORPORAL

Além de estar mais suscetível na relação sexual à transmissão do HIV/AIDS e também pelas demais Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), seja por questões biológicas que envolvem características específicas dos órgãos sexuais femininos ou por temas sociais e culturais, que implicam na exposição sexual e a transferência da decisão do uso do preservativo ao parceiro; a mulher também convive com outro dilema: a descoberta da infecção pelo HIV/AIDS durante o pré-natal.

Segundo Cartaxo, Nascimento e Diniz (2020), na gestação o aflorar das emoções se intensifica com as mudanças hormonais e corporais e, portanto, descobrir a infecção concomitantemente à experiência gestacional é defrontar-se com diferentes sentimentos como raiva, angústia, medo e raiva.

Pela visão da Psicologia Corporal, o sentimento de angústia tem como raiz a raiva, sentimento este tão necessário, por seu poder de habilitar o indivíduo para a sobrevivência. Para Reich (2003), as emoções básicas da vida, como o prazer, a raiva e a tristeza são respostas para os mais variados acontecimentos, e têm a capacidade de anunciar a relação do *self* com o mundo ao redor. A raiva detém a característica de nos impulsionar para a ação e o ataque, mobilizando uma energia ascendente ao longo das costas, que poderá ser descarregada pela ação de morder ou socar. Quando este sentimento é reprimido e é preciso conter a sensação na musculatura, a angústia toma o lugar da raiva, e a expansão, característica da raiva, é substituída por um potencial reprimido e congelante. Ao conter a raiva inibimos a cinesia da energia, a angústia instala-se e sentimentos como ternura, compaixão, piedade e fé são substituídos pelo congelamento e pela morte de si.

De acordo com a abordagem da Psicologia Corporal, sentimentos como o medo guardam relação com bloqueios dos telorreceptores (olhos, pele, ouvidos e nariz). Para a mulher / gestante, estar sujeita a atos de punição e também a autopunição emocional ou física imobiliza a energia, e essa carga precisa ser descarregada e autorregulada pela respiração. No caso das gestantes, carregar o medo da possibilidade de transmitir o HIV para o filho, associado muitas vezes à escassez de um contato com a realidade interna, falta de um *grounding* familiar e interno, são fatores que comprometem ainda mais esse fluxo e a



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTILHOS, R. R. Claudia; VOLPI, SANDRA MARA D. Estrutura de caráter e suas corações: enfrentamentos vivenciados por mulheres / gestantes que vivem com HIV/AIDS sob a ótica da Psicologia Corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: ____/____/____.

concretização de um *self* saudável, enraizado no útero e na relação mãe / bebê. Segundo Lowen (1977), o *grounding* é um processo energético com fluxo contínuo de excitação corporal, promovendo sensação de força, vida e ancoramento nos pés, sendo que qualquer bloqueio do corpo pode impedir a fluidez da vida.

De acordo com Navarro (1991), quando passamos por situações de estresse e da eminência da morte, garantimos a nossa sobrevivência ativando conteúdos primitivos localizados no nosso cérebro reptiliano. Ele também cita que toda doença retém energia sexual e ao mobilizar e desvitalizar o organismo do sujeito, instaura tensões musculares ou alterações no sistema neurovegetativo. No momento que associamos a infecção do HIV/AIDS com o olhar da Psicologia Corporal e ampliamos este olhar, além do distúrbio, veremos o corpo e suas estruturas condensadas nas corações musculares, sendo possível perceber que existe algo além da enfermidade, e que uma doença não se trata somente com medicamentos e idas constantes a ambulatórios de saúde.

Reich (1995b) cita que o medo da morte provoca um condensamento da energia vital na base do cérebro, o que ativa o sistema nervoso simpático a produzir adrenalina, prejudicando as trocas energéticas entre a placenta e o feto. Ao levarmos em consideração estas ideias podemos supor que a bagagem emocional que uma mulher que vive com HIV/AIDS carrega durante a gestação poderá vir a favorecer o aparecimento de certos traços de caráter, o que de um certo modo poderá influenciar em algum momento no caráter desta criança.

Para Volpi (2002), o caráter é fruto do resultado dos choques entre as pulsões e as frustrações do mundo externo; no caso, a angústia materna provocada pela doença incurável, somada às emoções vividas pela mãe durante a gestação, o tipo de parto, aspectos emocionais durante a amamentação, entre outras variáveis, que poderão afetar a qualidade do relacionamento entre aquela que cuida e aquele que é cuidado.

No caso de uma gestação de uma criança exposta ao HIV/AIDS, a culpa pela infecção, o medo da transmissão vertical, em conjunto com a impossibilidade da amamentação, podem levar ao distanciamento energético e afetivo da mãe para com seu filho durante a gestação e após o nascimento.

Segundo Reich (2003), todo impulso natural para o amor é perdido em um sujeito encoraçado; perde-se a capacidade de amar e de ser amado. No caso de estar gestando com HIV/AIDS, onde são ampliadas as responsabilidades de cuidado com a vida que a mulher carrega no ventre, a comunicação se dá através de brechas nesta couraça, limitando as formas de expressão do amor genuíno.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTILHOS, R. R. Claudia; VOLPI, SANDRA MARA D. Estrutura de caráter e suas corações: enfrentamentos vivenciados por mulheres / gestantes que vivem com HIV/AIDS sob a ótica da Psicologia Corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: ____/____/____.

Como foi muito bem explicado por Reich (2003), o organismo desencorajado ama de forma clara nas situações de amor, odeia de forma clara quando o ódio é legítimo e teme de forma clara quando o medo é racional. O organismo encorajado odeia quando deveria amar, ama quando deveria odiar e fica amedrontado quando deveria amar ou odiar.

A CRIANÇA EXPOSTA AO HIV: CONEXÃO E AMAMENTAÇÃO

O bebê carrega a característica primordial de se misturar com aquilo que o cerca; ele sente como se fossem seus todos os sentimentos maternos, sobretudo aqueles dos quais ela não tem consciência, as suas corações. Neste cenário, tais experiências são motores para a instalação e o desenvolvimento de contornos associados ao núcleo psicótico ou à esquizoidia, pela baixa carga intrauterina, ou *borderline*, correlacionado à falta de amamentação ou suporte emocional adequado até o momento do desmame. Todas estas experiências tão prematuras podem vir a colaborar para a instalação, já na criança, de uma desconexão corporal como defesa contra o mundo ao seu redor.

Pelo olhar da Análise Reichiana, além de grandes chances da instalação de um possível núcleo psicótico, outra condição existente em uma maternidade comprometida pelo HIV/AIDS é a da privação da amamentação, e com isso o estabelecimento da estrutura *borderline* ou oral. Navarro (1991) explica que este tipo de caracterialidade tem condições de se instalar no sujeito no período da amamentação ou desmame. Para o autor, o medo está presente nestas circunstâncias, no entanto, o estresse aqui envolvido está vinculado não mais ao medo da morte como o do núcleo psicótico, mas sim ao temor da perda e da separação.

De acordo com Gutman (2015) a impossibilidade de amamentar retira da mulher e da criança as suas primeiras experiências de prazer vinculadas ao ato de abocanhar o seio materno. A criança, aninhada no colo da mãe, recebe muito mais que um alimento rico em proteínas, anticorpos e gorduras saudáveis, ali há uma troca transcendental e mística de amor, comunicação, apoio e presença.

Segundo Lowen (1977), o caráter oral reluta em aceitar a realidade e lutar por transformações e necessita de uma maternagem adequada para restabelecer a sua autoconfiança e assim fortalecer o seu campo energético. Segundo Lowen (1977), a privação da nutrição, tanto afetiva quanto física, gera uma carga de dependência e infantilização do sujeito, levando-o a suprir tais necessidades e a sensação de vazio, carência e depressão existentes através da comida, das drogas, do álcool e relações de abuso.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTILHOS, R. R. Claudia; VOLPI, SANDRA MARA D. Estrutura de caráter e suas corações: enfrentamentos vivenciados por mulheres / gestantes que vivem com HIV/AIDS sob a ótica da Psicologia Corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: ____/____/____.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo, viver com o HIV/AIDS em uma sociedade empestada pelas chagas do preconceito significa reforçar e alimentar as próprias neuroses, corações, e comprometimentos sociopsicoemocionais. No caso do preconceito contra o HIV/AIDS, suas raízes no patriarcado reforçado pela moralidade e pela repressão sexual deixam as mulheres ainda mais propensas a manifestações do seu caráter e corações.

A mulher brasileira desde que nasce é educada para viver “para dentro”. Já na mais tenra idade é ensinada a servir, a ser obediente, constituir família, respeitar o marido, ter filhos e a reprimir sua inteligência. Esta imposição social a educa para assumir papéis de mãe e filha, distanciando-a do papel de mulher, da sexualidade e do desejo sexual.

A dificuldade de encontrar um parceiro, agregado ao medo da revelação do diagnóstico, contribui para sensações de rejeição, solidão, paralisia e depressão, que criam bloqueios psicossomáticos musculares, impedindo a expressão da rica vida intrapsíquica que permeia o universo feminino. O exílio e a angústia deslocam a mulher / gestante para um estado de abandono decorrente dos estigmas enfrentados durante a doença, onde fica condicionada pelo seu próprio estado de imobilidade e dificuldade de expressão.

Concluimos que o medo e a culpa inviabilizam o fluxo da energia biológica dessas mulheres, e a energia orgástica represada se expressa em um corpo rígido, encoraçado, sem vitalidade, esquizoide, vazio; sem tensão sexual; um corpo desabastecido de energia vital. Dessa forma faz-se necessário um olhar que vá além da enfermidade e que assim possa enxergar a mulher com um corpo que ainda vibra e comunica suas necessidades de amor e proteção. Assim, podemos concluir que a terapia corporal e os ensinamentos de Reich e de tantos outros especialistas da corporeidade e do fluxo orgonômico, em grupos de mulheres / gestantes que vivem com HIV/AIDS, principalmente em comunidades desabastecidas de um apoio terapêutico, possam apresentar um caminho bioenergético e de resgate do ser pulsante que vive em cada mulher.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTILHOS, R. R. Claudia; VOLPI, SANDRA MARA D. Estrutura de caráter e suas corações: enfrentamentos vivenciados por mulheres / gestantes que vivem com HIV/AIDS sob a ótica da Psicologia Corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: ____/____/____.

REFERÊNCIAS

CARTAXO, C. M. B; NASCIMENTO, C. A. D.; DINIZ, C. M. M. Gestantes portadoras de HIV/AIDS: aspectos psicológicos sobre a prevenção da transmissão vertical. **Estudos de Psicologia**. São Paulo, v. 29, p. 419-427, n. 4, 2020.

CECCON, R. F.; MENEGHEL, S. N.; RUEDA, L. I. Vidas nuas: mulheres com HIV/AIDS em situação de violência de gênero. **Faculdade de Saúde Pública**. Universidade de São Paulo. 2021.

GONÇALO, D. R. R.; NASCIMENTO, J. P. S.; SANTOS, M. B. Sexualidade feminina: da repressão ao “não orgasmo”. **Repositório institucional Tiradentes**. 2016 Disponível em: <<http://opennt.grupotiradentes.com:8080/xmlui>> Acesso em: 18/03/2021.

LOWEN, A. **Medo da vida**: caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo. 10ª ed. São Paulo: Summus, 1986.

LOWEN, A. **O corpo em terapia**. A abordagem bioenergética. São Paulo: Summus, 1977.

GUTMAN, L. A. **A maternidade e o encontro com a própria sombra**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2015.

NAVARRO, F. **Somatopsicodinâmica das biopatias**: interpretação reichiana das doenças com etiologia desconhecida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.

REICH, W. **A função do orgasmo**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995a.

REICH, W. **Análise do Caráter**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995b.

REICH, W. **Éter, Deus e o Diabo e Superposição Cósmica**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SOUZA, K. M.; CERQUEIRA, M. B. R. Entre prazeres e dores: um retrato da epidemia de HIV/AIDS em mulheres de 30 a 59 anos de idade. **Acervo Saúde**, v. 13, p. 1-8, 2021.

Viver com HIV. UNAIDS, 2020 Disponível em: <www.unaids.org.br>. Acesso em: 15/03/2021.

VOLPI, J. H. **Compreendendo, por meio do relato de mães, o estresse sofrido durante a gestação e primeiros anos de vida da criança com câncer**. 2002, 170f., Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – Faculdade de Psicologia, Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 2002.

AUTORA e APRESENTADORA

Cláudia R. R. Castilhos / Ponta Grossa / PR / Brasil

Bacharel em Enfermagem formada pela UEPG/PR, Especialista em Gestão em Saúde (UEPG), Especialista em Psicologia Corporal, com habilitação para atuar como terapeuta corporal, pelo Centro Reichiano, Curitiba/PR.

E-mail: claucastilhos8@hotmail.com



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTILHOS, R. R. Claudia; VOLPI, SANDRA MARA D. Estrutura de caráter e suas corações: enfrentamentos vivenciados por mulheres / gestantes que vivem com HIV/AIDS sob a ótica da Psicologia Corporal. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: ____/____/____.

ORIENTADORA

Sandra Mara Volpi / Curitiba / PR / Brasil

Psicóloga (CRP-08/5348) formada pela PUC-PR. Analista Bioenergética (CBT) e Supervisora em Análise Bioenergética (IABSP), Especialista em Psicoterapia Infantil (UTP) e Psicopedagoga (CEP-Curitiba), Mestre em Tecnologia (UTFPR), Diretora do Centro Reichiano, em Curitiba/PR.

E-mail: sandra@centroreichiano.com.br